
João Farkas - "Amazônia Ocupada"
por Paulo Herkenhoff, 2015

A câmera amazônica de João Farkas foge ao modelo das Cartas persas de Montesquieu, sobre a figura asiática que atraía interesse enquanto exibisse seu exotismo em Paris. Aqui, Farkas expõe duas mortes: o genocídio literal e cultural dos índios e memórias do geocídio. Sua experiência na Amazônia não prescinde da condição material do signo fotográfico como hipótese constitutiva do fato poético e da agenda política. O corte na fotografia da paisagem é metáfora do desmatamento; sobre os corpos fotográficos, expõe uma modernidade melancólica. O enquadramento no detalhe opõe-se à retórica da espetacularização hollywoodiana do trabalho em Serra Pelada, porque Farkas elabora relatos da terra e da vida.

Farkas foca sobre as forças ativas e passivas de desnorreamento social: o garimpo, o atravessador, o grileiro, o desmatador, o missionário de qualquer confissão. O índio que perde seu território cultural é paradoxalmente denominado como aculturado. O pintor Torres-Garcia concluiu, no aforismo de seu Universalismo construtivo, que "Nuestro Norte es el Sur"(1). A lona azul rota de Farkas apresenta amassados como marcas do corpo em retratos calejados pela adversidade. É naquela tradição de inversão da bússola simbólica, que a Amazônia de Farkas poderia ser tratado como desnorreamento, um descaminho. Em 1921, Graça Aranha lançou Estética da vida, que define certas bases do programa modernista de Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Estética da vida aponta a falta de comunhão da "alma brasileira" com a natureza (2) já que o país era formado por "três raças" que agiam por artificialismo: a melancolia portuguesa, a "metafísica do terror" dos índios e a "infantilidade africana" ("terror cósmico"). Farkas constrói sua estética da vida amazônica.

Na visão plástica de Farkas, há verdes infernais, por-de-sóis eldorados, cinzas geocidas. Em sua geometria há linhas retas, curvas, transversais, retângulos, malhas são clareiras, estradas, garimpos, pistas de pouso, cidades e conjuntos habitacionais. A câmera fixa a geometria ex-ótica, i.e., a linha reta imposta à selva como "clareira" obscurecente. Se a poeta Emily Dickson escreveu que a melhor bruxaria é a geometria, Farkas insiste em que nem toda geometria é só bruxaria, mas pode ser desastre ecológico.

Na Mona Lisa, Leonardo da Vinci usou o sfumato, técnica da arte que propicia gradações suaves entre tons. O sfumato geocida da fotografia mais vaporosa de Farkas é composto por poeira, fumaça e cinzas. Como práxis política, o sfumato captura matéria suspensa em estado fugaz para expor sua dureza geocida, o drama da mata calcinada. São registros da aceleração entrópica da paisagem amazônica do Antropoceno, o período geológico da Terra sob o impacto das ações humanas sobre o clima, a biodiversidade e os ecossistemas.

(1) Texto no desenho América invertida (1943), hoje no Museo Juan Manuel Blanes em Montevideu.

(2) "Estética da vida"(1921) in Obras completas, Rio de Janeiro, INL, 1968, p.620-621. Graça Aranha foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922.

Texto de Paulo Herkenhoff para a exposição de João Farkas "Amazônia Ocupada" no Sesc Bom Retiro em 2015.